

Mamãe e a Coisa

Domitilo de Andrade

(Poeta e Cordelista)

Ao escrever, eu gostaria de não saber falar coisa com coisa.

E ouvir a sentença dos que me leem: *Quem disse que quando você fala você fala coisa com coisa?*

Essa seria a certificação jubilosa de que eu já fazia, ao escrever, o que gostaria de fazer: não falar coisa com coisa. Alvissaras! É um sonho ouvir alguém do povo – zeladores, manicures, profissionais do sexo, trabalhadores rurais, sentinelas de quartéis, vigias de ferro velho, catadores de latinhas, estudantes de medicina, de direito e de economia – a outra sentença jubilosa: *Você pediu pra ler o que você escreveu e eu não entendi porra nenhuma!*

Alvissaras! Ao tentar falar coisa com coisa sempre dei com os burros n'água, seja lá o que isso signifique.

Falar ao léu, rimar alicate com abacate e escarlate. Dormir em pé no vento que sai de meia em meia hora da janela do ônibus entupido de Vila Kosmos à Central que é situada na periferia d'onde trabalho. De central só o nome...

Derramar chuva de lágrimas na seca do sertão baiano e ir pra UPA mais próxima a 300 km., desidratado.

Escrever o impossível para falar de como é possível ser louco por não falar coisa, nem com coisa.

Louco, louco, louco em Buenos Aires, na esquina de Balada para um louco com Risada de um louco para um cantor.

Rá Rá Rá tichibum na piscina de fezes-urina-esperma-suor-e-sangue.

Palavras semi-proibidas para os que escrevem aseada e polidamente sem as escatologias que fulminam literatos.

Lendo o mediquês, o juridiquês e o economês é animaisicamente impossível entender coisa com coisa.

Rá Rá Rá tichibum na piscina vocabulária desses aí que escrevem o que nenhum dos citados anteriormente têm a menor ideia do que se trata. Tampouco Djô / Io / Me / Euzinho.

Não falar coisa com coisa é a senha para eles falarem para eles mesmos sem chegar a lugar nem 1 (hum...).

Tenho lastro científico-literário-maternal. Aprendo (ainda não consegui) a saber não falar coisa com coisa com artigos científicos, literatura clássica e a lembrança de mamãe.

Já nascido, em minhas tentativas poético-parnasianas, mamãe me fodeu, mas Olavo Bilac levou a culpa.

Tentei, tentei, tentei e nunca encontrei uma única rima para mamãe. Anos depois quando descobri a palavra txucurramãe, a etnia já estava mais pra caiapó e o agronegócio assassino já estava no seu encaixo.

Foi aí que comecei a (tentar) aprender a não falar coisa com coisa.

Coisa é uma escandalosa, sacana e desbravadora palavra que, assim como mamãe, não tem rima.

Para rimar coisa só com outra coisa. Adeus parnasianismos, rimas ricas, adeus a deus adeus a deus.....

Não falar coisa com coisa é falar apenas da coisa.

Coisa é a mamãe com sua filha no colo sendo assassinada pelo Estado brasileiro com uma bala que, de tão perdida, achou a cabeça da filhinha no colo da mamãe. Coisa é a criança txucurramãe morrendo de fome porque o Estado brasileiro lhe cuida para que morra de fome no colo de sua mãe para garantir a rima. Coisa é o corpo do trabalhador ser tratado como coisa até ser esmigalhado por outra coisa, seja uma máquina seja o fuzil do capanga.

Fuzil rima com Brasil e capanga rima com manga. AH! Criei uma frase com rima: no Brasil, o capanga usa o fuzil chupando manga. Mas, faltou alguma coisa nessa frase. Que capanga, de quem, que Brasil, de quem?

■ ■ ■